

## ENEGRECENDO AS REDES: O ATIVISMO DE MULHERES NEGRAS NO ESPAÇO VIRTUAL

---

**Renata Barreto Malta**

Universidade Federal de Sergipe

E-mail: renatamalta@hotmail.com

**Laila Tháise Batista de Oliveira**

Universidade Federal de Sergipe

E-mail: lailathaise@hotmail.com

**Resumo:** O presente artigo aborda os contornos que o feminismo negro brasileiro tem adquirido com a sua inserção nas redes sociais e o alcance e a multiplicação de informação através do compartilhamento de seus textos políticos. Tem como um dos seus focos a visibilização de histórias de mulheres negras antes invisíveis não só na internet, mas também nos meios de comunicação hegemônicos. Para embasar a reflexão aqui feita serão utilizados aportes de feministas negras como Sueli Carneiro, bell hooks, Luiza Bairros e Angela Davis.

**Palavras-chave:** feminismo negro; mídias digitais; ativismo.

**Abstract:** This article intends to discuss the characteristics that the Black Brazilian feminism has acquired within the social networks and the impact of the multiplication of information by the sharing of political content texts. Furthermore, it aims to understand the development of this space, traced by self-narrative, providing visibility to stories of Black women, before invisible not only on the internet but also in hegemonic media. This discussion is theoretically anchored in Sueli Carneiro, bell hooks, Luiza Bairros, Angela Davis, and other Black feminist works.

**Key Words:** black feminism; digital media; activism.



## Feminismo negro: uma história de resistência invisibilizada

Esse artigo busca abordar os contornos que o feminismo negro brasileiro tem adquirido com a sua inserção nas redes sociais e o alcance e a multiplicação de informação através do compartilhamento de seus textos políticos.

A partir da observação desprovida de métricas científicas, notamos como milhares de mulheres negras, principalmente jovens, têm utilizado as plataformas digitais para narrar histórias sobre a presença do racismo e do machismo em suas vidas: são blogs, sites, twitter, canais de youtube e páginas de facebook que têm ganhado um alcance imensurável e formado uma rede de informações e compartilhamentos sobre tais histórias.

Durante séculos, foi negado às mulheres negras a oportunidade de contar as suas próprias experiências e de ecoar as vozes que as representam. Os livros estudados nas escolas, em geral, trazem a perspectiva do branco colonizador, refletindo uma educação calcada em uma sociedade eurocêntrica, machista e racista que relegou os negros e as negras a papéis subalternizados na sociedade.

O racismo e o machismo foram responsáveis por manter as relações de poder da forma como estão estabelecidas em nossa sociedade, condicionando a maior parte da população negra à pobreza e ao não acesso à educação formal.<sup>1</sup> Assim, foram negados a esse grupo social ingresso nos espaços de poder e de produção de conhecimento. Em função desse processo complexo, que contribuiu para a sua exclusão social, para a negação de seus direitos e para a modelação das suas precárias condições de produção, o exercício de contar a sua história tem sido um desafio para a população negra, especialmente para as mulheres da diáspora africana.

A teórica bell hooks, em seu artigo *Intelectuais Negras*, pontua como as estruturas existentes operam no sentido de ignorar as produções de pesquisadoras negras feministas.

E o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente e torna o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX, só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. (hooks, 1995, p. 468).

---

1 Diante da invisibilidade e silenciamento da história de luta e resistência de mulheres negras, muitas das memórias e histórias das antepassadas permaneceram desconhecidas.

O processo de exclusão e opressão que incide sobre as mulheres negras combina elementos do racismo, do machismo e dos preconceitos de classe, o que as coloca em condição de exploradas tanto no mundo do trabalho como na esfera da sexualidade. Como bem lembra Silva (2013, p. 109),

As discriminações de raça e gênero produzem efeitos imbricados, ainda que diversos, promovendo experiências distintas na condição de classe e, no caso, na vivência da pobreza, a influenciar seus preditores e, conseqüentemente, suas estratégias de superação. Neste sentido, são as mulheres negras que vivenciam estas duas experiências, aquelas sempre identificadas como ocupantes permanentes da base da hierarquia social.

Apesar disso, e a despeito de que a história do sistema escravagista continua a reafirmar o lugar das mulheres negras na base da pirâmide social, desde o período colonial estas mulheres buscaram formas de resistir e de se organizar.

O feminismo negro norte-americano surgiu, nessa perspectiva de resistência e organização, quando teóricas e militantes afrodescendentes como Patricia Hill Collins, bell hooks, Kimberle Crenshaw e Audre Lorde pontuaram que o feminismo tradicional não conseguia responder aos anseios das mulheres negras porque reduzia a categoria mulher a uma identidade única e fixa. Na direção contrária, as mulheres negras apontavam a interseccionalidade como uma estratégia analítica necessária para uma melhor compreensão do entrelaçamento entre as múltiplas identidades - de gênero, racial, de classe, de orientação sexual etc. - passíveis de serem assumidas por um indivíduo ou grupo.

Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a classe é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras. (DAVIS, 1997, p. 8).

Nessa citação, a ativista política Angela Davis salienta o entrelaçamento entre as identidades e como elas se cruzam e não se excluem. Trata-se de perceber como a classe operária, a mais explorada dentro do sistema capitalista, é formada especialmente por negros e, portanto, mais discriminada, assim como observar que as mulheres ainda são as mais subalternizadas no mercado de trabalho e tidas como mão-de-obra barata.

A construção de um feminismo negro no Brasil, no que concerne às motivações, foi semelhante ao norte-americano. No movimento negro brasileiro, nas décadas de 1970 e 1980, dado o recorrente machismo em seu interior, predominavam as posições dos homens. As mulheres, em geral, tinham pouco poder de decisão. O Movimento Negro Unificado (MNU), uma das principais organizações daquele período, não entendia que as bandeiras delas deveriam ser defendidas pelo coletivo. Em função disto, as questões referentes

à vida da mulher negra eram preteridas por questões gerais. Dito de outra forma, o antirracismo não garantia a ausência de machismo no interior das organizações, e as pautas das mulheres negras permaneciam invisibilizadas em nome de uma luta que via mulheres e homens negros de forma homogênea. Contudo, gradativamente, elas passaram a reivindicar que as suas demandas (combate à violência de gênero, exercício de direitos reprodutivos, construção de creches etc.), que não eram abordadas ou eram secundarizadas, fossem levadas para as instâncias de decisão. Após muita luta e mobilização, em 1982, as demandas das mulheres negras foram debatidas no congresso do MNU e inseridas nos documentos aprovados, consolidando-se no seu Programa de Ação (DOMINGUES, 2007). Todo esse processo também permitiu que as mulheres negras entendessem a importância de produzir e reivindicar os espaços de poder.

Já no movimento feminista, composto predominantemente de mulheres brancas, a questão racial era invisibilizada e as especificidades e as múltiplas opressões a que as mulheres negras estavam submetidas eram desconsideradas. No seu artigo *Enegrecer o feminismo*, Sueli Carneiro (2003) trata dessa questão ao indagar sobre *que mulher* o feminismo tradicional brasileiro se referia e sobre os seus esquecimentos a respeito da força das mulheres negras. A indagação segue ao longo do texto instigando-nos a pensar qual é a mulher que tal feminismo representa quando propõe que devemos combater o papel de *rainha do lar*, se a mulher negra continua longe dos estereótipos da *mulher para casar* e, mais além, a maioria não consegue cuidar de sua casa e filhos porque, muitas vezes, está em trabalhos precarizados. Sobre a questão da inserção da mulher negra no mercado de trabalho, Nascimento (2003, p. 117) afirma:

No Brasil, a distinção de gênero não pode ser compreendida de modo adequado sem considerar-se a questão racial. Na hierarquia da renda, o primeiro fator determinante é a raça, depois o gênero. As mulheres brancas mantem uma posição nitidamente privilegiada em relação aos homens negros, e as afro-brasileiras estão no mais baixo degrau da escala de renda e emprego. Os homens brancos recebem mais de três vezes o que ganham as mulheres afro-brasileiras, que por sua vez ganham menos da metade do valor da renda mediana da mulher branca.

Frente a essas diferenças é que se fez necessário o surgimento de um feminismo negro, onde mulheres negras pudessem buscar uma militância que levasse em consideração suas experiências como mulher e como negra. Podemos dizer que o pensamento feminista negro é (...) “*um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu e da comunidade e da sociedade, que envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras.*” (BAIRROS, 1995, p. 6).

Livros e artigos de feministas negras como Lélia Gonzáles, Maria Beatriz Nascimento, Luiza Bairros, Matilde Ribeiro, Sueli Carneiro e Jurema Werneck têm conseguido conduzir outras afrodescendentes a buscar respostas para os seus anseios.

A literatura produzida no campo político e acadêmico por feministas afrodescendentes tem enfatizado a centralidade da intersecção de “raça”, gênero, classe e sexualidade não só no que se refere à compreensão do *status* marginalizado e das drásticas condições de vida a que as mulheres negras se encontram sujeitas, mas também no que diz respeito à elaboração de estratégias sociais e políticas que transformem tais circunstâncias. (SANTOS, 2007, p. 12).

É no bojo dessas reflexões sobre a vida das mulheres negras que discutiremos como, através das redes sociais, os discursos e narrativas desse segmento têm saído da invisibilidade, ganhado notoriedade entre os mais diversos públicos e, com isso, tornado visíveis as suas demandas relacionadas ao combate ao racismo e ao machismo cotidiano.<sup>2</sup>

### **As redes como espaço de ativismo**

A comunicação mediada por computadores se irradiou pelo mundo, ainda que a inclusão digital esteja longe de se estabelecer em muitos países em desenvolvimento. A parte do planeta que já está conectada interage entre si, reforçando a globalização. Segundo Castells (2013), as sociedades estão, desse modo, organizadas em torno de redes comunicacionais que modificam substancialmente a morfologia do nosso meio. Essas redes são estruturas flexíveis que têm capacidade de expansão ilimitada e de tempo quase infinito.

Diante deste cenário, segundo André Lemos (1997), podemos chamar a cultura contemporânea, marcada pelas redes telemáticas, pela troca online e pela navegação em rede global que busca agregar e cambiar informação e material simbólico, de cibercultura. Podemos afirmar que o fenômeno em questão se inicia na década de 1970 com o surgimento da microinformática, com a convergência tecnológica e com o aparecimento dos computadores pessoais (PCs), e se consolida nos anos 1980 e 1990 com o surgimento e a popularização da internet e a substituição dos PCs, devido à conexão em rede ao ciberespaço, por computadores coletivos (CCs).

---

2 O racismo e o machismo estão relacionados, se retroalimentam e sedimentam a exploração de mulheres negras desde o período escravagista. O racismo justificou a escravidão e o trabalho forçado e o machismo condicionou as mulheres negras a ocuparem os papéis mais subalternizados da sociedade, geralmente os cuidados com a casa e filhos, não reconhecidos como trabalho. Além disso, em muito contribuiu para a persistência da exploração sexual dos seus corpos. A ideia de que o corpo da mulher negra era um lugar livre para a exploração permaneceu ao longo dos anos, alimentando o estigma da hipersexualização que, mesmo após a abolição, continuou vivo, camuflando uma história de violência e exploração sexual.

As práticas comunicacionais da cibercultura **são** inúmeras e muitas delas inéditas, impactando a sociedade de forma singular. A cooperação **é** um ponto-chave na cibercultura, já que o compartilhamento de informações de todo tipo constrói processos coletivos e **dá** forma a diversos espaços midiáticos, os quais entusiasma os indivíduos com a possibilidade de produzir informação e receber informação multidirecional. Percebemos, então, que a cibercultura intensifica o saber compartilhado e a distribuição e a apropriação dos bens simbólicos. A difusão da cultura local e tradicional modifica as relações sociais e reforça as influências mútuas.

Com as novas plataformas midiáticas e o aceleração do surgimento de novas tecnologias da informação, as formas de sociabilidade também foram modificadas e ampliadas. O que estamos acompanhando nesse século XXI e desde o final do século passado é a consolidação de uma sociedade em redes sociais onde inúmeras e variadas discussões sociais estão sendo pautadas e travadas.

Relacionando-as aos processos de mudança, Sônia Aguiar (2008, p. 15) define as redes sociais da seguinte forma:

São métodos de interação que sempre visam algum tipo de mudança concreta na vida das pessoas e/ou organizações envolvidas, seja na busca de soluções para problemas comuns, na atuação em defesa de outros em situações desfavoráveis, ou na colaboração em algum propósito coletivo. As interações de indivíduos em suas relações cotidianas – familiares, comunitárias, em círculos de amizades, trabalho, estudo, militância etc. – caracterizam as redes sociais informais, que surgem sob as demandas das subjetividades, das necessidades e das intensidades.

Concordando com esta autora, entendemos que as redes sociais são uma ferramenta importante para que indivíduos e grupos possam atuar como agentes de transformação.

É nesse cenário que se desenvolve o ciberativismo, o qual é definido por Ugarte (2008, p. 55) como

(...) toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do “boca a boca” multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal.

Esses fenômenos estão ocorrendo dentro do feminismo negro através da inserção de mulheres negras, jovens em sua maioria, em ações no ciberespaço. São sites e blogs como o *Geledés* (<http://www.geledes.org.br/>) e *Que Nega é Essa?* (<http://quenegaessa.com/>) que, compartilhando textos através das redes sociais como o facebook e o twitter, têm ganhado um alcance e visibilidade cada vez maiores.

Dentre os sites e blogs destacamos a atuação do Blogueiras Negras (<http://blogueirasnegras.org/>) que, ao aceitar contribuições textuais das leitoras de todo o Brasil, estimula a formação de uma política que descentraliza o conhecimento. O blog tem incentivado que mais mulheres negras possam narrar suas experiências e, através de suas histórias, ajudar outras mulheres que vivenciam situações de opressão.

Somos mulheres negras e afrodescendentes. Blogueiras com estórias de vida e campos de interesse diversos; reunidas em torno das questões da negritude, do feminismo e da produção de conteúdo. Sujeitas de nossa própria estória e de nossa própria escrita, ferramenta de luta e resistência. Vimos contar nossas estórias, exercício que nos é continuamente negado numa sociedade estruturalmente discriminatória e desigual. (CHARÔ, Blogueiras Negras, 2012).

Outro exemplo do ciberativismo relacionado à negritude feminina é aquele que se dá por meio dos grupos de conversa no facebook sobre cabelos crespos e cacheados, os quais têm surgido nos mais diversos estados e cidades. A iniciativa partiu de um pequeno número de pessoas que, após fomentar um primeiro encontro, conseguiu congregiar um número maior de pessoas atraídas pela discussão sobre cuidados capilares. Esse tema, por sua vez, fez emergir reflexões sobre raça e gênero, posto que não é possível dissociar essas questões quando se aborda a estética da mulher negra, que é historicamente rechaçada como modelo de beleza em uma sociedade racista.

Além disso, a interação nos grupos deu origem a encontros presenciais, responsáveis por criar as conexões entre as participantes em momentos como as oficinas de turbante, a contação de histórias africanas, a troca de produtos capilares e tantas outras atividades que contribuem para o empoderamento dessas mulheres e para o conhecimento da história da população afro-brasileira.

Derivado de uma ideologia hegemônica, o padrão de beleza que vigora é o branco ou o mais próximo da branquitude. Logo, ao reafirmar a estética negra e valorizar os traços e o cabelo natural, os encontros dessas mulheres negras contribuem para a quebra da lógica do embranquecimento. Os encontros, igualmente, proporcionam que elas se conheçam e possam narrar e refletir sobre as formas de opressão que as assolam, a exemplo do racismo e machismo, dentro das mais diversas realidades e gerações. Tudo isso pode ser visto no encontro do grupo *Crespas e Cacheadas de Sergipe*, que já está em sua terceira edição.



Figura 1 - 3º Encontro do Grupo Crespas e Cacheadas de Sergipe



Vale destacar que o espaço virtual, o qual tem sido fundamental para criar lugares de resistência para o movimento de mulheres negras e o movimento negro, também é um ambiente onde o racismo tem ecoado sua voz opressora e discriminatória. Nesse espaço, as relações de poder e a luta antirracista têm acontecido em um embate muito mais verticalizado e explícito que nos ambientes não virtuais.

Recentemente foram divulgadas em diversas mídias as agressões racistas sofridas por Thaís Araújo (atriz), Sharon Menezes (atriz), Cris Vianna (atriz), Ludmila (cantora) e Preta Gil (cantora). Abaixo segue a imagem dos ataques sofridos pela jornalista Maria Júlia Coutinho, conhecida como Maju, da rede Globo, que afirmavam que ela só estava nessa emissora por causa das cotas.

Figura 2 – Comentários racistas contra a jornalista Maria Júlia do Jornal Nacional



Quando um dos agressores afirma que Maju só é jornalista da rede Globo por causa das cotas e questiona a qualidade do seu trabalho, ele demonstra que o que está em jogo é a não aceitação das políticas públicas para a população negra, assim como a não aceitação de que mulheres negras ocupem lugares de prestígio.

Sabemos que a violência racial sofrida por estas personalidades é o resquício de um problema socialmente enraizado e que afeta o conjunto da população negra, principalmente as mulheres que, por não terem visibilidade midiática, não contam com a empatia da sociedade. Todavia, os fatos relacionados às artistas aqui citadas chamaram a atenção dos seus simpatizantes, dos movimentos sociais, de ativistas virtuais e de pessoas que se posicionam contra as diferentes formas de opressão.

A despeito de toda a violência expressada nas mensagens, diversas outras páginas não deixaram o assunto cair no esquecimento, denunciando não só esses casos, mas outros que não ganharam o mesmo espaço na mídia. Mais além, o movimento das *hashtags* - uma forma de se solidarizar com os casos - ganhou muitos adeptos.

Figura 3 - Imagem compartilhada nas redes sociais em solidariedade a Maju



Em 2015, impulsionadas pelas redes sociais, foram organizadas marchas em todo o país com o mote *Orgulho Crespo*. Elas tinham como objetivo reunir a população negra em prol do orgulho de seus traços étnicos e de sua negritude. Esse espaço reuniu ativistas, militantes sociais, blogueiras que discutem a estética negra etc.

O aspecto político presente nessa onda de marchas que se sucederam foi impactante. Ele fica mais evidente se levarmos em conta que a fragilização da autoestima da população negra, ocasionada pela ausência de representações positivas de negros e negras na mídia e pela excessiva difusão dos padrões estéticos hegemônicos, está entre os mecanismos mais eficazes do racismo.

Figura 4 - Marcha do Empoderamento Crespo em Salvador 2015



A *Marcha do Empoderamento Crespo* coloca em evidência outro perfil de militância antirracista. Formada em sua maioria pela juventude, a marcha reacende a estética como forma de enfrentamento e de reconhecimento social. No Brasil, onde sabemos que vigora o racismo denominado por Oracy Nogueira (2006) como *racismo de marca* - quanto mais características negroides a pessoa tiver, mais racismo ela sofre -, uma Marcha que se propõe a enaltecer as características da população negra e denunciar as diversas formas de racismo subverte a lógica hegemônica e coloca as pautas e anseios das mulheres negras na ordem do dia.

É importante evidenciar que o uso das redes sociais pelos diversos movimentos negros retomou demandas e campanhas que surgiram no início dos anos 1980, no âmbito do MNU, como a *Reaja ou Será Morto*, que denunciava a violência policial e o extermínio da população negra. Apesar de se tratar de um mote do movimento negro como um todo, sabemos que o extermínio atinge sensivelmente as mulheres negras, pois quando estas não são vítimas diretas desse extermínio<sup>3</sup>, são vítimas indiretamente, quando vêm seus filhos, maridos, irmãos e outros homens de sua família serem exterminados.

Os anos de 2014 e 2015 foram marcados por marchas que aconteceram em todo país, exigindo o fim do extermínio da juventude negra. Foi nesse contexto que a campanha *Reaja ou Será Morto* e *Reaja ou Será Morta* ressurgiu. Ela vem sendo organizada através das redes sociais, impulsionada principalmente pelos movimentos de mulheres negras.

A 1ª Marcha Nacional de Mulheres Negras, realizada em novembro de 2015, em Brasília, foi organizada e planejada em reunião presencial com diversas organizações e movimentos sociais. Contudo, foi através das redes sociais que ela conseguiu arregimentar militantes dos mais diversos estados. Além disso, as informações eram difundidas por meio das páginas do facebook, o que facilitou a comunicação entre a comissão organizadora e as militantes. Essa comunicação estabelecida por meio das redes sociais é o que Sonia Aguiar (2008) chama de *horizontal* e não *hierárquica*.

---

3 O *Mapa da Violência 2015: Homicídios de Mulheres no Brasil* mostra um aumento de homicídios de mulheres negras da ordem de 54,2% entre 2003 e 2013. Ver <<http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2015/11/mulheres-negras-sao-mais-assassinadas-com-violencia-no-brasil>>.



Figura 5 - 1ª Marcha Nacional das Mulheres Negras em Brasília



Uma das grandes questões em relação aos contornos que esses novos movimentos sociais ganham nas redes sociais é o seguinte: o que desperta a necessidade de organização? O que já se sabe é que a existência de uma causa social não é o fator principal para despertar essas movimentações que ganham corpo através das redes sociais. Sobre isso, Maia (2009, p. 98) afirma que *“é preciso criar e desenvolver ideias, símbolos e palavras-chave que possam ser comunicados, que sejam significativos e atrativos.”*

Comentando sobre a configuração dos movimentos sociais nas redes sociais e na internet, o sociólogo espanhol Manuel Castells diz que o legado de um movimento social se concentra na capacidade de transformação cultural que ele pode provocar. No que concerne ao seu espaço de atuação e transição, Castells (2013, p. 20) afirma:

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora.

Em suma, ele reafirma as potencialidades das organizações sociais quando fazem uso das redes sociais como ferramentas de transformação. Acreditando no potencial multiplicador da conectividade e no seu alcance para além de

fronteiras, Castells sublinha que esses movimentos sociais na internet mostram que, para além da representatividade, o que se busca é a participação nas agendas políticas da sociedade.

### Considerações finais

○ artigo buscou discutir de que forma o movimento feminista negro foi se modificando e alcançando novas facetas de atuação, com foco nas ações realizadas por meio da internet e das redes sociais.

Consideramos que, ao longo dos anos, o racismo e o machismo dificultavam que as mulheres negras pudessem ter voz nas instâncias de poder, o que contribuía e contribui até hoje para a sua permanência em uma posição hierarquicamente inferior na sociedade.

○ racismo segue atuando de forma violenta, principalmente entre comunidades mais pobres, onde o extermínio da população negra e pobre tem matado mais do que muitas guerras. No entanto, essa realidade é camuflada e silenciada pela grande mídia.

Com o aumento da população negra nas universidades, fruto também das políticas de ação afirmativa, é possível observar uma produção mais expressiva de negras e negros e sobre a história da população afro-brasileira. Estamos vivenciando um período onde a população negra reivindica com veemência o papel de protagonista da sua própria história.

Atualmente, temos acompanhado as novas expressões e canais de difusão de informação e conhecimento na internet utilizado por diferentes ativistas negras, estudosas ou não, que buscam algo em comum: o desejo de compartilhar suas experiências através de narrativas sobre sua história e sobre como enfrentam o racismo e o machismo em suas vidas. Tais narrativas têm contribuído para a formação de uma rede onde outras mulheres negras conseguem se enxergar e buscar meios para enfrentar esses problemas que também estão presentes nos seus cotidianos. Além disso, as narrativas, quando compartilhadas, conseguem fortalecer e estimular mulheres de todo o país a escrever suas próprias histórias. Esse mesmo ativismo tem auxiliado a modificar o cenário das relações raciais no ambiente virtual, mas também fora dele. ○ faz ao conseguir, através da mídia alternativa, que a grande imprensa pautar de forma mais frequente e intensa as questões raciais. Com isso, acreditamos, provoca importantes transformações sociais, políticas e culturais na nossa sociedade.

**Referências:**

- AGUIAR, S. Redes Sociais: da mobilização popular ao ativismo digital. In: **Das ruas às redes: 15 anos de mobilização social na luta contra a fome e a pobreza**. Rio de Janeiro: COEP, 2008.
- BAIRROS, L. Nossos Feminismos Revisitados. **Estudos Feministas**, ano 3, 1995.
- CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DAVIS, A. **As Mulheres Negras na Construção de uma Nova Utopia**. Disponível em <arquivo.geledes.org.br/atlantico-negro/movimentos-lideres-pensadores/afroamericanos/10243-as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis>.
- DOMINGUES, P. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v.12, n. 23, 2007.
- LEMOS, A. Anjos interativos e retribalização do mundo: sobre interatividade e interfaces digitais. 1997. Disponível em <www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html.> Acesso: 12/2015.
- NOGUEIRA, O. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil**. **Tempo Social**, v. 19, n. 1, 2006.
- NUNES, C. **Quem Somos. Blogueiras Negras**. Disponível em <http://blogueirasnegras.org/>.
- SILVA, T. T. (org.). **Identidade e Diferença: perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SANTOS, S. B. Feminismo Negro Diaspórico. **Gênero**, v. 8, n. 1, 2007.
- UGARTE, D. **O Poder das Redes: Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

Recebido em março de 2016

Aprovado em junho de 2016

